

A ciência é feminina: o teatro junto à história das ciências e seus processos históricos de arregimentação que legitimam as mulheres em aulas de Química.

Danilo Augusto Teixeira (PG)*, Caio Henrique Thomaz (IC)

1 Departamento Acadêmico de Química, Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO

* dano_teixeira@hotmail.com

Palavras-Chave: *Minorias no currículo, Estudos Culturais*

Introdução

Diversos trabalhos evidenciam que as mulheres foram distanciadas das pesquisas científicas, assim como ainda são minorias enquanto alunas e professoras em universidades, nos cursos ditos científicos, principalmente Química, Física e Matemática. (OSADA, 2006)

Essa falta de reconhecimento é de longa data e vem desde as reconhecidas atualmente Maria Winkelman, Shophie Germain e Marie Curie, essa última, ganhadora por duas vezes do Prêmio Nobel. Não à toa, ao conversarmos pelos corredores com estudantes do curso de Química, poucos conseguem se recordar de outras cientistas mulheres, além da própria senhora Curie. Durante a materialização da estrutura do bloco de Química da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campo Mourão, fizemos um questionamento aos estudantes do curso, sobre “quem você destaca como grande cientista, homem ou mulher, que influenciou a área de Química?”, e diante das respostas, somente Marie Curie foi evidenciada dentre as mulheres.

Esse levantamento junto ao andamento da disciplina de Estágio Supervisionado, na etapa de regências, nos fez dar início a uma proposta de desenvolver atividades para o Ensino Médio, que visassem colocar em evidência o papel das mulheres nas ciências. Deixamos de lado o clichê: “não tem mulher nas ciências porque elas não gostam”, e passamos a questionar o porquê isso acontece, e como isso poderia ser trabalhado e questionado no ensino básico. Portanto, tivemos como objetivo final, desmoronar este local fixo para as mulheres, construído a priori e desvinculado de seu contexto, utilizando-se de evidências históricas.

Resultados e Discussão

Baseando-se no artigo “Um sobrevôo no caso Marie Curie: um experimento de antropologia, gênero e ciência” de Gabriel Pugliese, fizemos um trabalho de questionar as metanarrativas que visam colocar as mulheres a margem da atividade lógica das ciências. Após leitura de tal material, os estudantes foram acompanhados em debates para compreenderem como Marie Curie era marginalizada ao longo da história de suas

pesquisas, e principalmente como ela era fortalecida por um atuante muito importante, a imagem do homem como dono da verdade.

Inicialmente os alunos foram questionados: “você acredita que as mulheres também podem ser cientista?” Dentre as respostas, o que mais nos impressionou foram as justificativas que afirmavam que elas não eram cientistas por vontade própria, e não por discursos enunciativos que condecoravam este papel em grande maioria aos homens.

As discussões realizadas embasando-se no artigo, produziram uma encenação teatral como produto final, visando o trabalho em grupo e principalmente tornar os estudantes agentes de construção do conhecimento. Assim como compreenderem que os fatos históricos são questionáveis, e de extrema importância para compreendermos como a ciência se torna purificada e ponto de partida para se auto impor. (SÁ, 2009)

Ao lerem o artigo e notarem os processos que legitimam um discurso machista na ciência, os estudantes compreendem que os enunciados são produzidos e não devem ser impostos. Ao longo deste processo, em que os estudantes foram ativos na reconstituição história dos fatos, pode-se notar que os alunos passaram a questionar a ciência purificada que reverencia o homem em detrimento das mulheres. E portanto passaram a legitimar as mulheres como atuantes da ciência.

Conclusões

Ao pensarmos a história como local de desconstrução de caminhos previamente definidos, damos espaço para que os alunos reconstruam a história e notem o quanto cada atuante influencia na constituição do papel de cada um dentro da ciência. Além disso, podemos notar o quão importante é que os professores consigam incluir as minorias, que foram ocultadas ao longo da história, em suas aulas, principalmente nas “exatas”, que de longa data são consideradas disciplinas desconectadas das demais.

Referências

OSADA, Neide M. e COSTA, Maria Conceição da. “A construção social de gênero na Biologia: preconceitos e obstáculos na biologia molecular”. Cadernos PAGU, no.27, Campinas, July/Dec. 2006.
SÁ, M.B.Z. A História e a Arte Cênica como Recursos Pedagógicos para o Ensino de Química - Uma Questão Interdisciplinar. QNESC - Vol. 32, Nº 1, FEVEREIRO 2010